

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

MARIA BEATRIZ SANTOS COELHO

**Mukanda Tiodora: tecendo o passado para transformar o
futuro**

SÃO PAULO

2024

MARIA BEATRIZ SANTOS COELHO

Mukanda Tiodora: tecendo o passado para transformar o futuro

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Especialista em Cultura, educação e relações étnico-raciais.

Orientadora Prof.^a Me. Maíra Carvalho de Moraes

São Paulo

2024

RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar um pequeno estudo sobre a história de Teodora, uma mulher escravizada, e algumas de suas cartas, presentes em Mukanda Tiodora, transportada para o universo das HQs por Marcelo D'Saete, observando se a linguagem contemporânea dos quadrinhos consegue abarcar as marcas indeléveis deixadas pela escravização e transmitir conhecimento sobre a história afro-brasileira.

Palavras-Chaves: Teodora. Mulher Escravizada. Cartas. Mukanda Tiodora. HQ's.

ABSTRACT

The objective of this work is to present a small study on the history of Teodora, an enslaved Woman, and some of her letters, present in Mukanda Tiodora, transported to the universe of comics by Marcelo D'Salete. The study observes if the contemporary language of comics can encompass the indelible marks left by enslavement and transmit knowledge about Afro-Brazilian history.

Key Words: Teodora. Enslaved Woman. Letters. Mukanda Tiodora. Comics.

RESUMEN

El objetivo de este Trabajo es presentar un pequeño estudio sobre la historia de Teodora, una mujer esclavizada, y algunas de sus cartas, presentes en Mukanda Tiodora, transportadas al universo de los cómics por Marcelo D'Saete. El estudio observa si el lenguaje contemporánea de los cómics logra abarcar las marcas indelebles dejadas por la esclavitud y transmitir conocimiento sobre la historia afro-brasileña.

Palabras clave: Teodora. Mujer Esclavizada. Cartas. Mukanda Tiodora. Comics.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX – CAMINHOS PERCORRIDOS E TERRITÓRIOS NEGROS.....	7
3	QUEM GANHA COM O MEU GANHO.....	11
4	DIREITO, JUSTIÇA E TROVAS BURLESCAS.....	13
5	AS REBELDES MULHERES NEGRAS NA SÃO PAULO NO SÉCULO XIX, PAPEL E CANETA.....	14
6	AS MUKANDAS DE TIODORA	16
7	HQ OU COMO CONTAR UMA HISTÓRIA.....	19
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS.....	23
	ANEXOS.....	25

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho visa apresentar um pequeno estudo sobre a história real de Teodora Dias da Cunha e algumas de suas cartas, a partir da obra de Marcelo D'Saete, Mukanda Tiodara, que utiliza da linguagem contemporânea das Histórias em Quadrinhos (HQs) para narrar a saga de uma mulher escravizada na São Paulo do século XIX, bem como suas tentativas de se comunicar por Mukandas¹, com parentes e pessoas próximas. Nesse contexto o conteúdo dessas cartas, conseguiria abarcar todas as adversidades e mazelas da escravização e racismo sofridos pela personagem, além de retratar as transformações de uma cidade ainda em formação, com territórios negros demarcados.

O ponto chave da pesquisa será identificar se as Mukandas de Tiodora, transpostas para o formato de história em quadrinhos, se encaixam em novas formas de transmissão de conhecimento da historicidade afro-brasileira. Afinal, histórias como as de Teodora são capazes de atrair novos leitores e, quem sabe, transformar o futuro deles?

A historiografia pouco ou nada retratou da vivência da população negra na São Paulo do século XIX. Através desta nova geração de criadores negros, essas histórias foram resgatas em novos formatos, servindo de instrumentos para conhecermos a história negra de São Paulo e todo o apagamento pelo qual passou e ainda passa.

O encontro desse material só foi possível graças ao trabalho de pesquisa da historiadora Maria Cristina Cortez Wissenbach, que encontrou nos autos judiciais da comarca de São Paulo o conjunto dessas missivas anexas ao processo criminal número 1.492, de 1868-187, conforme Wissenbach (2012), no qual era investigado um crime de roubo, praticado por Claro, com a suspeita de que Teodora fosse a sua cúmplice.

Andar pelo centro da cidade, algo tão corriqueiro no meu dia a dia, foi se modificando à medida que a história de Teodora Dias da Cunha foi apresentada a mim, por uma leitura de HQ. O caminhar automático, habituado com as ruas do centro, ganhou novos matizes e significados.

¹ O Dicionário Kimbundu-Português, de A. de Assis Junior, refere-se a Mukanda (ou mucanda) como missiva, carta.

2 SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX – CAMINHOS PERCORRIDOS E TERRITÓRIOS NEGROS

“Quem me arrematou foi um moço muito rico de Campinas”. Teodora Dias da Cunha

Quem caminha pelos territórios negros que compõem o centro histórico da cidade de São Paulo, mais conhecido como triângulo, não tem ideia de todos os apagamentos e transformações pelas quais a cidade e seus habitantes passaram. Não conhecem os espaços apagados pela ação do homem ou do tempo, lugares soterrados por cimento e memórias, as rugosidades² presentes no ambiente.

Marcelo D´Salette em Mukanda Tiodora (2022), apresenta os locais pelo quais os escravizados e manumissos, circulavam em meados do século XIX, na região demarcada entre as colinas do Vale do Anhangabaú e do rio Tamanduateí, na área central da cidade, da qual faziam parte algumas poucas ruas próximas. Esses Territórios foram percorridos pela personagem central da história, segundo Raquel Rolnik, pg.3, 2007:

A rua era também território dos escravos. A contiguidade dos sobrados nas zonas centrais da cidade contribuía para que fosse intensa a circulação de escravos domésticos: buscando água nos chafarizes, indo ou voltando com a roupa ou os dejetos para jogar nos rios, carregando cestas perto dos mercados, transportando objetos de um ponto a outro.

Em uma breve contextualização histórica sobre a cidade de São Paulo, seu surgimento ocorreu, assim como outras cidades brasileiras, a partir de aldeamentos indígenas que abrigavam as mais diversas nações, descrito por (Petroni, 1995 *apud* Oliveira 2022), como os Tamoios, Guaianás, Tupinambás, Carijós, Guaranis, Tupiniquins, entre outros. Ao planalto de Piratininga com os seus traficantes de escravos, povoadores pré-afonsinos, anteriores à chegada de Martim Afonso de Souza por essas planícies (Silva,1955). Com a chegada da Companhia de Jesus e a criação do Colégio Jesuíta em 1554 a região passou por várias modificações até se transformar da modesta Vila de São Paulo do Piratininga à cidade de São Paulo.

² Milton Santos, conceitua Rugosidades, como o que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares.

A pequena Vila de São Paulo do Piratininga foi fundada em 1554 em torno do Colégio criado pelos Jesuítas, cuja principal função era a catequização dos povos originários da região para que seguissem os padrões do colonizador português. Conforme descrito por Silva (1955), o local foi construído como um forte defensivo entre o Vale do Anhangabaú e o Rio Tamanduateí, muito em função de sua localização em uma região cuja topografia de recortes, com elevações e escarpas, dificultava a presença de invasores, incluindo índios hostis, enfurecidos por terem as suas terras usurpadas. Afinal quem aceitava ter a sua terra expropriada ou servir de mão de obra escravizada para colonizadores e Jesuítas (Petroni 1995 *apud* Oliveira; Zaneti; Papeli, 2022, grifo meu).

Entre 1560 e 1600, o Brasil passou por uma mudança em sua mão de obra, a escravização do indígena deu lugar a escravização do africano, que foram trazidos em massa para o Brasil. Nessa empreitada entre os séculos XVI e XIX, o tráfico transatlântico sequestrou mais de 12 milhões de pessoas (D´Saete,2022).

A capitania de São Paulo recebeu poucos escravizados nesse período, já que a maioria seguia para as capitanias de Pernambuco e Bahia, processo que ocorreu até a descoberta do Ouro nas minas de Minas Gerais, que então se tornou o principal destino para os traficados. Em 1711, a Vila de São Paulo do Piratininga tornou-se a cidade de São Paulo.

A São Paulo de meados do século XIX não era diferente da vila provinciana do passado. De fato, até meados de 1870, era uma cidade pobre com uma infraestrutura precária e lenta em seu desenvolvimento, a pobreza orgânica (Wissenbach, 1988, p.103). Era uma região coberta por chácaras, várzeas, aterros e casas de taipa, cuja área central permanecia no mesmo espaço e local escolhido pelos jesuítas para a construção de seu projeto de catequização indígena, o Colégio Jesuíta, que depois se transformou no Pátio do Colégio, entre as já citadas colinas do vale do Anhangabaú e o rio Tamanduateí.

O espaço geográfico do triângulo histórico de São Paulo era constituído pelas três principais ruas: a Rua XV de Novembro, que é paralela à Rua Boa Vista e ao Pátio do Colégio, que era anteriormente conhecida como Rua Manoel Paes Linhares, um bandeirante que supostamente teve terras na região. Posteriormente, essa rua mudou de nome para Rua do Rosário.

Inferimos a importância de falar sobre a Rua do Rosário em específico, por se tratar de um território negro, no qual encontrava-se a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da irmandade de mesmo nome, D'Salete (2022), informa que a Igreja foi construída nos idos de 1728, e contava com um cemitério para pessoas negras. No local eram realizados festejos de congado como o Rei e a Rainha Congas. Certamente, este foi um dos locais pelos quais a protagonista de nossa história passou e pelos quais tantas outras pessoas escravizadas, quilombolas e forros caminharam.

As outras duas pontas do triângulo eram formadas pelas ruas São Bento, que liga o mosteiro de São Bento à Igreja de São Francisco, e a Rua Direita, próxima ao Viaduto do Chá. Nessa região, os locais de maior movimento eram as ruas da Quitanda e a Rua das Casinhas (atualmente Rua do Tesouro). A primeira vendia alimentos para o consumo imediato, enquanto a segunda vendia alimentos menos perecíveis, que concentravam o fluxo dos trabalhadores negros.

D'Salette (2022) chama a atenção para outras ruas e territórios negros presentes na região central no século XIX, como o Largo da Liberdade ou Praça dos Enforcados, lugar de execução de escravizados fugitivos e criminosos, próximo à Igreja da Santa Cruz dos Enforcados, que se encontra até hoje em frente à Praça da Liberdade. Um pouco à frente, a Capela dos Aflitos tinha ao lado o cemitério do mesmo nome, neste local eram enterrados indigentes, pessoas negras que não pertenciam à irmandade do Rosário e os condenados.

Também devem ser citadas a Rua da Liberdade, onde Teodora morava como escravizada do Cônego Terra, e a Rua Ouvidor seu último endereço registrado, além do Chafariz da Misericórdia, construído por Tebas.³ Este era o lugar que fornecia água para a região, além de ponto de encontro dos escravizados.

Acima dessa região encontrava-se a beira do córrego da Saracura, os Campos do Bexiga, local que abrigava muitos escravizados fugitivos. Salette (2022), a região chegou a ser chamada nos idos de 1907 pelo jornal Correio Paulistano de Pequena África, devido à quantidade de pessoas negras que nela habitavam.

³ Joaquim Pinto de Oliveira, nascido escravizado, responsável pela construção do Chafariz da Misericórdia, reformou o Mosteiro de São Bento, entre outras coisas.

O bairro que é atualmente conhecido como Bexiga, ainda hoje sofre com os sucessivos apagamentos de sua história, situação que se repete em outros territórios negros. A rugosidade das estruturas presentes em contínuos soterramentos de seu território, como a construção do metrô sobre uma área anteriormente conhecida como quilombo, ou comunidades históricas retiradas de seus espaços de convivência, como a Escola de Samba Vai-Vai, que em seu Samba de Enredo de 2024, alerta:

Olha nós aí de novo, coroa de rei Capítulo 4, Versículo 3. Vai-Vai manifesta o povo da rua. É tradição e o samba continua. Renegados da moderna arte. Não faço parte da elite que insiste em boicotar. Acharam que eu estava derrotado. Quem achou estava errado...Meu verso é a arma que dispara. E a palavra é a bala pra salvar balançou o Largo São Bento...

O que remete ao pensamento de Milton Santos em “A Natureza do Espaço” (2002): a análise geográfica do espaço vai além de sua geografia e depende da ação do homem que pode alterar, não só a natureza, mas também modificar o espaço ocupado e os seus habitantes, dependendo de seus interesses econômicos. Como neste caso, afastando a comunidade da Vai-Vai da área central da cidade, ou outras situações pelas quais os moradores do antigo centro da cidade passam, como a gentrificação⁴ de suas áreas de moradia. Os outrora territórios negros pertencentes ao antigo centro de São Paulo, não continuaram negros por muito tempo.

Figura 1 – Mosteiro de São Bento (São Paulo, SP),1862.
Fotografia de Militão Augusto de Azevedo



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, 2024.

⁴ Gentrificação, de forma geral, é definida como o processo de redesenvolvimento urbano que acarretando a elitização socioespacial.

Figura 2 - Rua XV de Novembro, 1860-1870
Fotografia de Militão Augusto de Azevedo.



Fonte: Museu da Cidade de São Paulo, 2024

Figura 3 – Planta da Cidade de São Paulo, 1881
Publicado por Jules Martin.



Fonte: Brasiliana Iconográfica, 2024

3 QUEM GANHA COM O MEU GANHO

“[...] meu senho vance e responsado de juntar cem/eu isso quero de me forra/ vance me dê licença para eu tirar ismola nos domingos para ir dando para senhor”. Teodora Dias da Cunha

A circulação dos escravizados pelas ruas centrais era diária, e quem também a fazia com frequência era Teodora, que além de seus afazeres domésticos, realizava o seu périplo entre a Rua da Liberdade e as ruas circunvizinhas, carregando alimentos, esvaziando dejetos, vendendo água para os soldados.

As andanças de Teodora por uma cidade sem calçamento, ainda chafurdada de lama devido aos alagamentos constantes, por se tratar de uma região de várzea, eram possibilitadas por ser uma escravizada de ganho⁵. Com esse trabalho, ela procurava amealhar o pecúlio necessário para a compra de sua alforria. Os escravizados ficavam com um pequeno valor do dinheiro ganho.

Wissenbach (2002), descreve a relação do escravizado de ganho como uma relação de mobilidade ilusória, dentro do sistema escravista na qual o empregado e escravizado poderia realizar certas atividades fora da tutela de seus senhores, a tal mobilidade. A ilusão consistia em deixar uma parte do dinheiro ganho pelo escravizado nas mãos do seu senhor, além de muitas vezes serem responsáveis pelo seu próprio sustento. Portanto a relação de dependência nunca acabava, Reis (1986, pg. 198) descreve esses trabalhadores como capital vivo, já que o ganhador era obrigado a trabalhar até obter o ganho combinado com seu proprietário. Os valores eram acordados antes, mas a que custo? Ainda sobre o capital investido, Reis (1986, pág. 199), informa que nas épocas de alta economia, em apenas alguns anos os senhores de escravizados recuperavam o dinheiro neles investido; eram tratados como simples peças de comércio.

Os escravizados de ganho possuíam os mais variados trabalhos, como alfaiates, carregadores de cadeiras, pedreiros, músicos, artistas, artesãos, lavadeiras, quituteiras, carregadores de água, uma das atividades de Teodora entre outras. Geralmente, pessoas que conseguiam realizar funções por conta própria.

E aqui apresentamos mais um personagem desta história: Claro Antônio dos Santos, pedreiro e escravizado de ganho do cônego Fidelis Álvarez Sigmaringa, que foi o escritor de algumas cartas de Teodora.

Por ser um escravizado ligado a uma ordem religiosa. Claro, possuía regalias proporcionadas pelos planteis ligados à igreja (Wissenbach,2017, p.111). Foi alfabetizado, o que lhe garantiu a ideia de autonomia a já citada falsa mobilidade, que não era permitida aos escravizados do eito.⁶ A ideia de mobilidade, no entanto, não significava apenas a liberdade de ir e vir, mas, como afirma Wissenbach (2017), saber utilizar códigos restritos até então ao homem branco e, sobretudo, adequar-se a eles,

⁵ Assim era denominado o escravizado que exercia um trabalho – carregador, barbeiro, pedreiro e outros – e repassava parte ou todo o seu ganho para o seu dono.

⁶ Esse tipo de escravizado era conhecido como escravo de campo ou de eito, trabalhavam pesado no campo, na mineração e na pecuária.

como seguir a religião católica e cumprir os seus ritos religiosos, constituir família ou ter uma profissão.

Wissenbach (2012) aponta que Claro vivia como se fosse um homem livre. Embora residisse com o seu senhor, mantinha a sua independência: era casado, tinha amantes, possuía bens, mostrava suas habilidades de escrita e leitura publicamente. Afinal, ser letrado para um escravizado era um privilégio para poucos. Wissenbach (2012), informa que, ao ser acusado de roubo, sua mobilidade possibilitou-lhe a fuga por algum tempo. No entanto, ao ser capturado, ele informou ter dificuldade em ler e escrever, o que não era verdade, haja vista as seis cartas escritas por Claro a mando de Teodora, encontradas pela polícia e que não foram entregues aos seus destinatários.

Mesmo que a escrita não acompanhasse o padrão formal, Claro conseguia transpor para o papel o que era dito por Teodora. Wissenbach (2012) declara que talvez a liberdade tão desejada por Teodora em suas cartas não tenha ressoado em Claro na mesma proporção, tirando dele o interesse em entregar as missivas. Neste contexto ninguém saiu ganhando.

4 DIREITO, JUSTIÇA E TROVAS BURLESCAS

“Há legisladores sinceros que detestam o enorme crime da escravidão”. Luiz Gama

Como pesquisadora da historiografia brasileira sobre a escravidão, a historiadora Cristina Wissenbach encontrou nos autos judiciais presentes no Tribunal de Justiça de São Paulo, um caminho para investigar a sociedade da época, sobretudo os seus habitantes menos favorecidos, os escravizados e forros (Wissenbach,1989;1998). Faz-se necessário informar sobre a dificuldade em encontrar documentação relativa ao período da escravidão no Brasil; um fator que dificulta o estudo da sociedade brasileira durante o império é a relativa escassez de documentos censitários (Sleenes,1983).

Dentre estes documentos, encontravam-se papéis manuscritos que acompanhavam o processo criminal número 1.492 de 1868-1872, Wissenbach (2012), no qual era investigado um crime de roubo. Como prova acusatória, apresentava-se um conjunto de cartas, as Mukandas, escritas a mando da escravizada Teodora pelo acusado, o também escravizado Claro.

Os registros de escravizados eram raros, e aqui incluiremos o registro de um ex-escravizado, Luiz Gonzaga Pinto da Gama, contemporâneo de Teodora e Claro. Abolicionista radical, Poeta, Jornalista e Advogado apovisionado ou Rábula (aquele que advoga sem se formar), nasceu em Salvador em 1830, filho de Luisa Mahin, uma africana livre que esteve envolvida em revoltas de escravizados na Bahia e de um comerciante que, ao se ver sem recursos, não hesitou em vender o próprio filho ilegalmente, como escravo. Traficado para São Paulo, conheceu o pensionista do seu senhor, com quem aprendeu a ler e escrever o que o ajudou a obter provas de que havia nascido livre.

É contratado como escrivão da Secretária de Polícia de São Paulo, inicia seus estudos em Direito, e mesmo sem se formar, ganha várias ações judiciais de contestação de propriedade de escravizados em São Paulo, devido ao seu brilhantismo. Sarcástico, Gama, não perdia a oportunidade de fazer versos irônicos sobre os estudantes que não possuíam a mesma paixão por Direito como ele. Porém, apenas quem esteve preso entre os grilhões sabe o real valor de sua liberdade.

5 AS REBELDES MULHERES NEGRAS NA SÃO PAULO NO SÉCULO XIX, PAPEL E CANETA

“Dessa Vosça Muher Theodoria escrava do connio Terra que fui vindida na vacaria”. Teodora Dias da Cunha

Teodora, mulher africana, foi um dos milhares de corpos negros a atravessar forçosamente o atlântico, para ser escravizada no Brasil. Vinda de um dos vários portos Atlânticos da África Centro-Occidental e de territórios subordinados ao reino do Congo, conforme Wissenbach (2012, p.228), assim como outros sobreviventes da diáspora, ela não teve a possibilidade de determinar como ocorreu a captura, devido à falta de registros e principalmente pelo trauma causado pelos horrores sofridos durante o processo.

Nossa protagonista, cujo nome aparece registrado em diferentes grafias, como Tiô, Theodoria ou Tiodora, viveu todo o tipo de violência que uma mulher escravizada poderia experimentar: desde a travessia do Atlântico em um tumbeiro, os abusos e açoites, até a chegada em um país desconhecido e a sua eventual venda como um objeto. Passou por sucessivos apagamentos em sua história; inferimos que as variações dos nomes grafados de diferentes maneiras constituíram parte desse

apagamento. A pesquisadora Cristina Wissenbach (2012) observou que durante todo o processo de roubo do qual foi acusada, ela se identificava como Teodora Dias da Cunha, nome provavelmente dado por seu primeiro proprietário ao desembarcar no Brasil.

Wissenbach (2012) informa que, apesar de não encontrar dados precisos a respeito do caminho percorrido por Teodora ao chegar no Brasil, sabe-se que ela foi levada para o interior de São Paulo, vivendo um tempo como escravizada de João Rodrigo da Cunha, de onde aportou o sobrenome e constituiu família (Wissenbach, 2012, p.228).

Em 1862, foi separada de sua família ao ser vendida em São Paulo por um comerciante de Campinas. De acordo com Slenes (*apud* Chalhoub 2012, p.35), a maior parte dos cativos que entraram no Brasil de 1826-1850, e seguiram para a região Sudeste o fizeram quando o tráfico se tornou ilegal. Quando interrogada na ocasião do roubo, Teodora não sabia informar quantos anos tinha aparentava ter entre 50 e 60 anos; uma parte de seu processo de apagamento estava concluída.

A mulher escravizada no Brasil era considerada inferior ao homem escravo (Moura, 2022, p.148). As poucas mulheres traficadas que sobreviveram, levavam a mesma vida difícil que tinham nos porões dos navios negreiros. Nas fazendas, trabalhavam no eito nas mesmas condições que os homens; não eram poupadas estando grávidas ou amamentando. A exploração do seu trabalho e de seu corpo era constante; o medo do açoite e da violência sexual faziam parte de seu dia a dia, assim como o assombro quanto ao destino de seus filhos.

Esse processo se repetia na casa grande, na qual executavam a função doméstica estando sempre à mercê dos interesses do seu senhor e de sua família. (Moura,2022, pg.150). No país, o plantel de escravos domésticos era pequeno, não passando de três ou quatro por cento no total de escravizados.

Nas cidades, além dos serviços domésticos, as escravizadas geralmente realizavam uma dupla jornada, trabalhavam na casa e como ganhadeiras para os seus senhores como Theodora. Aqui vale ressaltar que, mesmo com toda a violência sofrida tanto pelas mulheres cativas e forras, a luta e o sonho de liberdade não foram abandonados. Não apenas as escravizadas do eito que se organizavam nas senzalas, como escreve Cisne (2022), mas também pelas escravizadas de ganho faziam dos seus pontos de trabalho verdadeiros espaços de resistência e articulação. Além de venderem seus produtos, transportavam saberes ancestrais, obtinham preciosas

informações sobre quilombos, aprendiam sobre os seus direitos, conheciam pessoas e, sobretudo, observavam o momento em que poderiam agir.

E assim o fez nossa protagonista, uma mulher apartada do companheiro e filho que apesar de toda a violência sofrida, conseguiu vislumbrar em Claro, homem negro portador de caneta e papel, o caminho para escapar da escravização.

Claro dominava a linguagem do seu algoz, o colonizador, conforme observou Fanon (2020). Historicamente, o negro que domina outra língua consegue romper barreiras antes interditadas a ele, mostrando, assim, na força das cartas ditadas, um caminho para reunir a família, amealhar pecúlio suficiente para obter a almejada alforria e retornar à África.

Wissenbach (2002) fala sobre a importância quase mítica, que a posse da caneta de tinta e o papel tinham para os escravizados e forros. Era o marco, e significava que eles poderiam obter o seu maior e mais precioso bem, a carta de alforria.⁷ Mesmo entre os libertos, era a garantia necessária para viver a liberdade sem questionamentos caso fossem interpelados por alguma autoridade. Eram homens livres e poderiam comprovar pelas missivas.

Reis (1984) também salienta o poder da escrita dos escravizados malês sobre os demais escravizados africanos na Bahia do século XIX. Acostumados apenas à oralidade, sentiam-se encantados com a escrita dos malês e com os seus patuás⁸, carregados de escritos mágicos e de proteção. Wissenbach (2017) também observou o mesmo simbolismo mágico presente nas cartas e bilhetes que se encontravam nos patuás e escapulários ornados pelos escravizados. A escrita perpassa pelo caminho da liberdade, mesmo que em fantasia.

6 AS MUKANDAS DE TIODORA

“Que meu desejo você me mande contar para onde você está morando”.
Teodora Dias da Cunha

Wissenbach (2022) informa que ao todo foram encontradas um total de sete cartas junto aos autos judiciais. Destas cartas, cinco foram provavelmente escritas

⁷ Documento de valor legal registrado em cartório, ou redigido por quem de direito com o intuito de conceber liberdade ao escravizado.

⁸ Espécie de amuleto que consiste em um saquinho de couro, contendo orações, salmos ou pequenos objetos que os crédulos trazem no pescoço para se livrar dos malefícios.

por Claro e outras duas escritas por um escriba desconhecido. Quatro foram endereçadas a Luís da Cunha, marido de Teodora, do qual ela não teve notícias após ser vendida; uma ao filho Inocêncio, cujo paradeiro também é desconhecido; e outra ao irmão do ex-senhor de seu marido em mais uma tentativa de encontrá-lo. A única carta que aparentemente foi lida foi endereçada ao seu senhor o cônego José da Terra. Para a análise das Mukandas neste trabalho serão apresentados na íntegra, primeira, a terceira e a sexta cartas, retiradas do texto original presente no HQ, nelas se encontram as principais indagações e reivindicações de nossa protagonista (Wissenbach, 2022, p.176).

Carta 1 - Meu Marido Snr. Luis

Muito hei de estimar que esta va achar você esteja com saúde que meu desejo você me mande contar para hande você esta morando. Quem me arrematou foi um moço muito rico de campinas o homem chama Marciano quina/eu fiz uma promessa em congo você não está lembrado da promessa que eu fiz/você não esta lembrando que você / pai vendeu você para se lembrar da promessa/que me avisou de noite eu estava dormindo / Rainha tem companheiro de fazer promessa e não cumpriu e agora ela esta presa no mal / e não pode se salvar porque São Benedito perdeu ela no mar / não pode se salvar/ por isso eu não facilito com santos / eu espero ainda cumprir ainda que esteja de cabelos brancos / seu senhor disse disfarçando de dar carta de alforria / de ajuntar o casal responsado/também ajuntar o casal/ganhar dinheiro depois/para pagar a sua senhoria/senão fica como rainha (São Paulo, 1868-1872, p.37).

É importante evidenciar a dificuldade que a leitura inicial dessas Mukandas transmite. Além de não seguirem o formalismo da língua Portuguesa, apresentam uma série de informações ditadas que parecem desconectadas em seu tempo, mas conseguem expressar todo o desejo de uma africana escravizada em reconstituir sua vida a partir da procura pelo marido Luís, cujo paradeiro era desconhecido por ela. A tentativa de saber como ele estava, além de informar o que havia acontecido com ela. Nossa protagonista ansiava por um reencontro advindo de promessas trocadas entre ela e o marido na ocasião de sua venda, ela iria reencontrá-lo mesmo que tivesse com cabelo brancos.

O que também chama a atenção na carta, conforme observa Wissenbach (2022), é a presença de diferentes figuras que se cruzam e evocam um sentido de cunho religioso e ancestral, como o bem e o mal, rainhas, santos, São Benedito a preta conga. Essas figuras formam uma conexão no intuito de manter a união do casal e conseguir o dinheiro necessário para a compra da carta de alforria, de um senhor que não ajudava, e seu eventual retorno ao local do qual fora arrancada o Congo.

As cartas de Teodora e Claro, conforme observa Wissenbach (2012), trazem a tradição da oralidade tão cara à cultura africana. Elas carregam também as marcas descritas por Gonzales (1988), como o Pretuguês, o português falado por africanos no Brasil, presentes no ritmo da Mukanda ditada, na supressão de algumas umas palavras, e na religiosidade referenciada. Martins (2021) informa que as culturas africanas que atravessaram o atlântico no processo da diáspora encontravam na oralidade o seu modo privilegiado de transmissão de conhecimento, ainda que não fosse o único, Teodora encontrou assim a sua maneira de se comunicar.

Ao ditar suas cartas, Teodora expressou todas as angústias que a atravessavam, como veremos na carta número Três, talvez a mais impactante de todas.

Carta 3 - Meu senhor:

Eu tive um aviso de noite/vinha e me falava que cumprisse a promessa que prometi de voltar para minha terra/ esta conga que fala comigo diz que se eu morrendo aqui não cumprirei promessa que nem eu eu só. Vance não cumpro desta promessa porque meu pai foi culpado de eu ser vendida/ porque deus não quer que se aparte conga de preto de angola/ meu senhor vance é responsado de juntar cem/ eu isso quero de me forra/ que vance me dê licença para eu tirar ismola nos domingos para ir dando para senhor/ eu já tenho 4 mil reis e vance já tem 9 mil reis na sua mão iscrava de vance Tiodora (São Paulo, 1868-1872, p.193).

Nesta carta direcionada ao seu senhor, o cônego Terra, repetem-se as figuras religiosas, as promessas de retorno ao Congo, o desejo de reencontrar o marido, o pedido de alforria; a diferença é que as reivindicações se tornam mais prementes.

Aqui é possível observar a situação de trabalho da ganhadora, e até onde vai a sua exploração, com o pedido para esmolar aos domingos, em mais uma tentativa de amealhar recursos para sua liberdade. Agora também se apresenta a figura do pai, que é como ela chamava o seu antigo proprietário, o culpado de sua venda e de separar a sua família, a violência da escravização subvertendo as relações, mas que é observado como culpado por nossa sagaz protagonista.

As imagens religiosas novamente aparecem, lembrando a promessa de retorno à terra natal, a morte se faz presente enquanto aqui Teodora estiver. A procura pelo marido que agora sabemos ser de Angola, continua, e a separação torna-se mais difícil. Aqui observamos a ideia das encruzilhadas, conceito de Martins (2021) no qual dentro das filosofias africanas e afro-brasileiras vários saberes se conectam, o sagrado e o profano se encontram na construção de uma cosmologia de conhecimentos.

Mostra a rapidez com que os povos remanescentes da diáspora, em sua maioria não letrados, conseguiam estabelecer conexões e partilhar seus desejos da liberdade.

Carta 6 – Ao filho, em novembro de 1866
 Ilmo Senhor inossenço
 Em Sao Paulo 20 de novembor de 1866
 Meo filho eu [vs?] hetima muito e a sua saude como para mim dezeio noto
 bem pa voes mi mamdra scrita como vai de saude no mais eu bosto a minha
 bencão Deos te abeso para muito tempo ti de saude como para mim deze
 noto bem para
 Sou a tua mai. tiodora no mais a Deos
 Ilmo senhor nocenso
 Numa falzemda de pasto livre no [?] Judiahi

Na última carta endereçada ao filho, observa-se uma maior dificuldade na leitura; sílabas e letras são trocadas, e preciso reler algumas vezes para entender. Conforme observou Wissenbach (2012), a oralidade dessas cartas faz-se presente, provavelmente foram ditadas na velocidade do desejo de quem as escreveu, uma cadência que em muito lembra um Rap⁹, com palavras que ecoam saudade e liberdade.

7 HQ OU COMO CONTAR UMA HISTÓRIA

A HQ Mukanda Tiodora ganhou o Prêmio Jabuti 2023¹⁰ de melhor História em Quadrinhos, obra de seu autor o quadrinista, Marcelo D'Saete. Por meio de extensa pesquisa, D'Saete conseguiu colocar o leitor em contato direto com uma mulher escravizada em pleno século XIX, a Tiodora, narrando através de quadrinhos a sua história.

Mas afinal, o que é uma história em quadrinhos? Para esta resposta usaremos a definição de Will Eisner¹¹, que descreve a HQ como uma forma de arte sequencial estruturada na imagem e na escrita, uma narrativa visual. Estas histórias narradas através de imagens, podem ser ficcionais ou baseadas em fatos que já ocorreram, variam de romances, a histórias de terror, de guerras, a fantasia, de realismo mágico, a fatos históricos ou ficção científica, entre outras.

⁹ Gênero negro que vem do Hip Hop.

¹⁰ Maior prêmio literário do país.

¹¹ Will Eisner, renomado quadrinista norte americano.

As histórias em quadrinhos apresentam diversos tipos de linguagens e formatos. Os Gibis, por exemplo, são direcionados ao público infantil e juvenil, enquanto as Tirinhas têm um estilo mais irônicos presentes em jornais. Os *Cartoons* e seus desenhos mais caricatos, os *Mangás* e os *Manhwas*, que são respectivamente HQs japonesas e chinesas, *Webtoon* quadrinhos sul-coreanos. Os *Comics* que retratam os super-heróis e as Novelas Gráficas ou *Graphic Novel*, destinadas ao público adulto.

Dentro deste universo “Mukanda Tiodora” é uma novela gráfica que utiliza de fatos históricos para narrar a história de Tiodora, grafia escolhida por D´Salette (2022), para trazer mais sonoridade a narrativa. Pontuada pela presença de elementos não ficcionais, como Luiz Gama, o autor criou personagens fictícios, como o garoto Benê, o responsável por fazer uma ligação entre o mundo das cartas da protagonista e os seus respectivos leitores, no caso, Inocência o filho. É importante informar que nessa HQ uma das cartas foi entregue ao filho do qual Tiodora fora apartada, que, em uma licença poética do autor, se tornou o feitor da fazenda na qual era escravizado.

Como observado, todos os tipos de histórias, imaginárias ou não, existem no mundo dos quadrinhos, e aqui falaremos brevemente sobre um estilo específico que se enquadra nesse universo: o Afrofuturismo, movimento descrito como uma interseção da imaginação, da tecnologia, do futuro e da libertação, segundo Womack (2024, p.18). Mas talvez uma das definições mais interessantes sobre Afrofuturismo venha da curadora de arte e afrofuturista, Ingrid LaFleur, para a qual o Afrofuturismo é uma maneira de imaginar futuros possíveis por meio de uma lente cultural preta (*apud* Womack 2024, p.19).

Esse movimento encontra-se presente tanto em HQs que apresentam uma narrativa infantojuvenil como O ataque dos kips, HQ Afrofuturista de Marcelo Lima e Renato Barreto, na qual crianças pretas que gostam de tecnologia, envolvem-se em um mundo de sabedoria ancestral conectado à mitologia africana e afro-brasileira. Aqui, a tecnologia aliada à ancestralidade rompe barreiras. Outro exemplo é a *Graphic Novel*, A luz de Mayotte, de Rodrigo Cândido e Henrique André, que apresenta um viés adulto de um futuro negro. Da mesma forma, 3 Esús e o tempo: Mundo de Eleguá, de Isael Neto e novamente Rodrigo Cândido, traz à tona uma história de ancestralidade e sustentabilidade. Vale lembrar que todas essas histórias saíram pela Editora Ananse, especializada em Afrofuturismo.

Pensar em mundos possíveis para a população negra, seja no futuro, no presente ou revisitar e porque não ressignificar um passado ancestral, mostram que o universo das HQs apresenta um conjunto de possibilidades infinitas, com fortes ventos de esperança para as próximas narrativas da população preta.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura da HQ ou *Graphic Novel* “Mukanda Tiodora”, fomos apresentados a Teodora Dias da Cunha e suas cartas. Foi possível acompanhar a saga da protagonista, entrar em contato direto com a historicidade afro-brasileira, percorrer territórios demarcados pela presença negra e observar o seu posterior apagamento, constatar a ilusória mobilidade que os escravizados da cidade possuíam de ir e vir, sempre sobre o olhar atento e controlador de seus senhores e perseguidores.

Com a história, aprendemos sobre o poder quase mítico da escrita para os escravizados, talvez a parte mais importante dessa narrativa e a mais cruel, pois das cartas ditadas como um grito de socorro e busca de liberdade, apenas uma, aparentemente chegou ao seu destino e a libertação não foi o resultado obtido.

Porém, a leitura de “Mukanda Tiodora” reservou outras aprendizagens. Mostrou um Luiz Gama aguerrido e sua luta incansável pela liberdade, além da força das rebeldes mulheres negras que como Tiodora, se organizavam em busca de justiça. No final da HQ, Tiodora recebe uma carta, ditada pela velha conga que ela via em sua imaginação, trazendo talvez ventos de liberdade, reencontros e retorno a terra natal.

O processo de pesquisa deste trabalho começou com uma ideia sobre afrofuturismo e os futuros possíveis para a população preta. No entanto, com a descoberta da HQ sobre Teodora e suas cartas, o caminho a ser percorrido mudou, seria necessário conhecer o passado para então buscar o futuro. Ponto para a linguagem dos quadrinhos, que embora não seja o ponto focal desta pesquisa, prova-se capaz de trazer novos conhecimentos, além de instigar a imaginação, mostrando-se ímpar na condição de atingir todos os tipos de públicos, dos que buscam conhecimento ao entretenimento.

O meu andar antes apressado pelas ruas do centro da cidade, torna-se um caminhar de reflexão, que procura tecer novas histórias, agora repletas de escolha e liberdade para Teodora.

REFERÊNCIAS

CISNE, Mirla.; IANAEL, F. Vozes de resistência no Brasil colonial: o protagonismo de mulheres negras. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 2, p. 191–201, ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e84661/>. Acesso em: 17 maio 2024.

D´SALETE, Marcelo. **Mukanda Tiodora**. São Paulo: Veneta, 2022.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**, 3a ed., Martins Fontes: São Paulo, 1999.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Mosteiro de São Bento (São Paulo, SP)**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra28688/mosteiro-de-sao-bento-sao-paulo-sp>. Acesso em: 21 de maio de 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela**. São Paulo. Cobogó, 2021.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2023.

MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO. **Entre a rua XV de novembro e o Largo do Paissandu uma São Paulo negra**. Museu da Cidade, 2024. Disponível em: <https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/uma-sao-paulo-negra/> Acesso em: 21 de maio de 2024.

MARTIN, Jules. **Nova planta da cidade de São Paulo e subúrbios: publicado por Jules Martins**. Brasiliana Iconografia, 1881. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/20120/nova-planta-da-cidade-de-sao-paulo-e-suburbios-publicada-por-jules-martin>. Acesso em: 23 maio. 2024.

OLIVEIRA, Robson; ZANETI, Valeria.; PAPELI, Maria. **A apropriação e expropriação das terras indígenas na cidade de São Paulo**. Dossiê: as ambivalências e contradições das redes digitais. Cadernos MetrÓpole, v. 24, n. 55, p. 1075–1096, 1 dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2022-5510/>. acesso em: 17 maio 2024.

REIS, João José; GOMES, Flávio (org.). **Revoltas escravas no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ROLNIK, Raquel. **Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia do Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1989.

SANTOS, Milton. **Natureza do Espaço: Técnica Tempo Razão e Emoção**. Hucitec / Editora da Universidade de São Paulo Lançamento: 1996 (1a. edição).

SILVA, Raul de Andrade e. São Paulo nos tempos coloniais. **Revista de História**. DH-FFLCH-USP, V.10 n.21-22, 1955.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Teodora Dias da Cunha: construindo um lugar para si no mundo da escrita e da escravidão. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana; GOMES, Flávio. **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Cartas, procurações, escapulários é patuás: os múltiplos significados da escrita ent.re escravos e forros na sociedade oitocentista brasileira. In: MACCORD, Marcelo; ARAUJO, Carlos Eduardo Moreira de; GOMES, Flávio dos Santos (org.) **Rascunhos Cativos** – educação, escolas e ensino no Brasil escravista. Rio de Janeiro: Faperj; 7 Letras, 2017.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Sonhos Africanos, vivências ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1888)**. São Paulo: Hucitec, 1998;2008. Originalmente dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós- graduação em História Social, FFLCH/USP, em 1989.

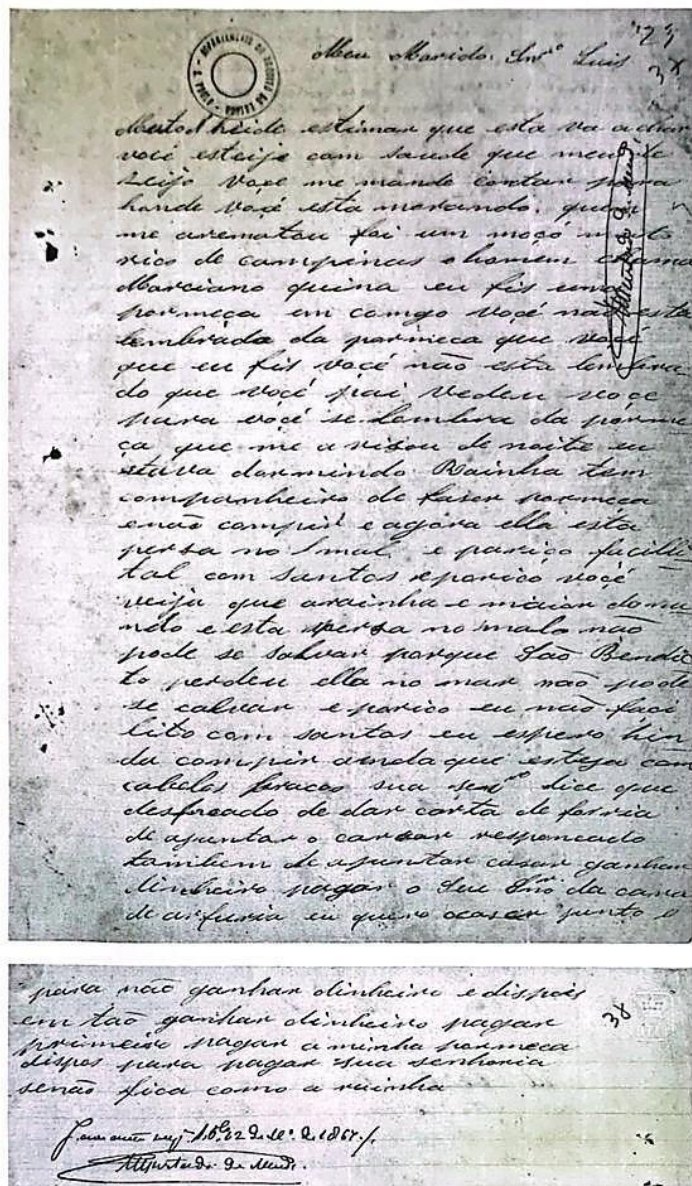
WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Arranjos da sobrevivência escrava na cidade de São Paulo**. Revista de História, USP. 1988.

YTASHA, L. Womack. **Afrofuturismo: O Mundo da Ficção Científica Preta e a Cultura da Fantasia**. Editora Ananse, 2024.

ANEXOS

ANEXO A – Carta ao marido

Reprodução das cartas de Tiodora



Carta 1 – Ao marido Luis. As cartas originais estão contidas no processo criminal 1492 “A Justiça Pública versus Claro e Pedro, escravos do cônego Fidelis Alves Sigmaringa de Moraes, de 1868/1872”. As cartas 1 e 7 não foram escritas por Claro. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

ANEXO B – Carta ao Senhor

Meu Sr. Offiz. Terra em 12. agosto 1857.
 Fui em um outo de 1857 e antes em
 d. 1. de agosto de 1857.
 Atchada. R. 11.

Meu Senhor.

Eu tive hum amigo de noite vindo-me
 eme falar de modo que com puzer a
 mão que promitte elevarte por abmundo
 terra e este amigo que fala consigo
 que eu me dolo a mi não compreço
 por meço que não eu ena. Dm. no
 Copo e estrova. Ca por meu pai foi com
 pado deus ser vidia pò qual deos nos que
 que se quito logo de pronto de galá meu
 Senhor e si se vos rado de de ajun
 tar Ca e eu isto quero de meça que
 no de lisa para eu tira em mola
 no domingo p' hielado p' rinho em

Carta 7 – Ao senhor Cônego Terra.

ANEXO C – Carta ao Filho

111
194

gu de a f.
 Francisco
 para se servir em
 hum a fazenda de
 M. em estanho no campo

Meu filho eu te tua mãe e a sua
 mãe de como para mim deye isto sempre
 e os me manda a conta como vai de gado
 de nos mais eu posto a minha breu cao
 Deos te a de se para muito tempo te de gado
 de como para mim deye isto sempre para
 que a tua mãe a deza no mais a Deos

João Antonio
 19. out. 1866.

M. de S. J. 19. 11. 66.

Carta 6 – Ao filho, Inocêncio, em novembro de 1866.